

O Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Remoto: experiências e reflexões na Licenciatura em Artes Visuais

The Supervised Curricular Internship in Remote Teaching: experiences and reflections in the Degree in Visual Arts

Maristani Polidori Zamperetti

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil

E-mail: maristaniz@hotmail.com

Resumo

O presente artigo desenvolveu-se a partir de pesquisa-ensino (PENTEADO, 2010) na prática universitária e propõe-se a discutir, através de relatos de alunas do Curso de Artes Visuais – Licenciatura de uma universidade pública do Estado do Rio Grande do Sul, as vivências e experiências do Estágio Curricular Supervisionado no contexto do ensino remoto emergencial (ERE), em 2021. Trago, a partir de questionamentos advindos das práticas pedagógicas como orientadora deste componente curricular, temas que convergem para a reflexão sobre as percepções, desafios e dificuldades enfrentadas pelas acadêmicas estagiárias, a partir de pontos de inflexão frente às práticas educativas remotas desenvolvidas em contextos escolares mediados por tecnologias digitais, como também suas percepções frente ao ERE desenvolvido no contexto acadêmico. Aplicativos e programas como o *Google Meet*, redes sociais como o *Facebook* e o *Whatsapp*, e-mails e a plataforma *Google Classroom* possibilitaram relativos direcionamentos de recursos ao ensino, mas também, visaram à simplificação de processos educativos, ao modo instrucional. Concluí, a partir dos depoimentos e dos aportes teóricos, que a experiência do estágio no ensino remoto foi uma possibilidade rara de gestão de vivências, trocas e construção de uma identidade docente, que se transformou frente aos desafios impostos. Porém, é necessário mencionar que a resposta educacional à crise pandêmica revelou um paroxismo, um nível alto de tensão em busca de emersão de processos educativos a serem compreendidos e refletidos, e que estavam em curso. De outra forma, entendo que as práticas de estágio em ERE, pelo seu ineditismo, conduziram as alunas à atenta observação e investigação de outras realidades escolares, propiciando a aprendizagem e construção profissional em meio à conflitos e desafios, pois não existiam respostas antes de surgirem os problemas e não os temos ainda.

Palavras-chave

Artes Visuais. Ensino Remoto Emergencial. Estágio Curricular Supervisionado. Tecnologias Digitais.

Abstract

The present article was developed from research-teaching (PENTEADO, 2010) in university practice and proposes to discuss, through reports of students of the Visual Arts Course - Licensee of a public university in the State of Rio Grande do Sul, the experiences and livingness of the Supervised Curricular Internship in the context of emergency remote teaching (ERE), in 2021. I bring, from questions arising from pedagogical practices as a guide of this curricular component, themes that converge to the reflection on perceptions, challenges and difficulties faced by academic interns, from inflection points in the face of remote educational practices developed in school contexts mediated by digital technologies, as well as their perceptions regarding the ERE developed in the academic context. Applications and programs such as Google Meet, social networks such as Facebook and Whatsapp, emails and the Google Classroom platform made it possible to direct resources to teaching, but also aimed at simplifying educational processes, in an instructional way. I concluded, from the testimonies and theoretical contributions, that the experience of the internship in remote teaching was a rare possibility of managing livingness, exchanges and construction of a teaching identity, which was transformed in the face of the challenges imposed. However, it is necessary to mention that the educational response to the pandemic crisis revealed a paroxysm, a high level of tension in search of the emergence of educational processes to be understood and reflected upon, and which were ongoing. On the other hand, I understand that the internship practices in ERE, due to their originality, led the students to attentively observe and investigate other school realities, providing learning and professional construction in the midst of conflicts and challenges, as there were no answers before they emerged. the problems and we don't have them yet.

Keywords

Visual Arts. Emergency Remote Teaching. Supervised Curricular Internship. Digital Technologies.

A partir da experiência da autora como professora-orientadora no Curso de Artes Visuais – Licenciatura, em especial, ministrando disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais I e II, este artigo apresenta percepções e reflexões acerca do contexto de ensino remoto desenvolvido em processo de estágio na formação inicial para o futuro docente. Os dados foram coletados no período do primeiro semestre de 2021 (relativo ao segundo semestre letivo de 2020) na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais II. Apoio-me em registros escritos de avaliações e autoavaliações das alunas-estagiárias¹ e observações registradas neste período, durante a sala de aula universitária na plataforma do e-aula acadêmico, por meio do ensino remoto emergencial (ERE), em contexto pandêmico da COVID-19.

A pesquisa-ensino foi a metodologia de investigação utilizada, compreendida como aquela realizada durante a ação docente, pelo profissional responsável por essa docência. A pesquisa-ensino visa explicitar condutas docentes investigativas em práticas de ensino dentro de um processo criativo do saber docente. “[...] Abrange uma interação docente, do professor com seus alunos, mediada pelo saber escolar, e que é simultaneamente assumida como interação de pesquisa – indagativa, problematizadora do ato de ensinar” (PENTEADO, 2010, p. 36).

Nesta perspectiva, entendo o Estágio Curricular Supervisionado como uma potência investigativa para a professora universitária, que ao pesquisar suas práticas a partir da relação com seus alunos e com o conhecimento, considera a parcialidade deste momento, que em movimento e processo, é construído pelo professor e seus alunos-estagiários. Conforme sustenta Oliveira, “[...] a pesquisa deve ser constante tanto na nossa prática docente [universitária] quanto na do aluno [...]” (OLIVEIRA, 2005, p. 68). Por meio dela poderemos rever nossas certezas, balizar nossas concepções, aprender a interpretar os dados coletados no estágio. De outra forma, o estágio, visto como uma disciplina de cursos de formação docente, permite a apropriação de instrumentos teórico-metodológicos para atua-

ção na escola e posterior reflexão. A autora Oliveira (2005) salienta ainda, que o estágio precisa ser visto como um espaço privilegiado de questionamento e investigação, um exercício de pesquisa no contexto escolar.

O Estágio Curricular Supervisionado se ampara nas vivências e/ou experiências dos universitários, repletas de ansiedades, incertezas e preocupações diante do inevitável a ser enfrentado, constituindo-se na culminância processual do conhecimento adquirido até o enfrentamento com uma realidade escolar. O mesmo podemos pensar sobre a professora universitária, pois esta lida com um campo de probabilidades da formação profissional, humana e artística, que conjugado à atuação dos futuros docentes possibilita que a criatividade e a criação ocorram, em paralelo com saberes provisórios e mutantes. Além disso, a avaliação dos futuros docentes é também uma tarefa da professora-orientadora, nada fácil no contexto remoto, pois

[...] mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades. É uma tarefa que dá identidade à professora, normatiza sua ação, define etapas e procedimentos escolares, media relações, determina continuidades e rupturas, orienta a prática pedagógica (ESTEBAN, 2003, p. 14).

Por outro lado, a professora-orientadora também será avaliada, pois simultaneamente, ao realizar a avaliação de seus alunos, esta permite “verificar o rendimento da professora; o resultado de sua turma indica seu desempenho, que pode ser medido, produzindo uma classificação, na qual a professora é exposta” (ESTEBAN, 2003, p. 20), pois ao avaliar seus alunos, também terá seu desempenho avaliado, conforme aponta Esteban.

Vista desta forma, a formação de professores não deve ser dirigida apenas ao conhecimento de teorias, métodos e práticas pedagógicas, mas pressupõe também o autoconhecimento, enquanto experiência de si e a produção de relações reflexivas. Nesse sentido, a avaliação formativa vista como algo transversal ao processo reflexivo da professora e suas alunas, faz parte da formação docente – da professora-orientadora e suas alunas – em paralelo.

A partir de meados do mês de março de 2020 ocorreu uma descontinuidade nos processos pedagógicos em desenvolvimento pelos professores universitários, provocando desafios imprevistos. As aulas nas redes pública e privada brasileiras foram suspensas em função da pandemia de COVID-19,

¹ Denomino de alunas às estudantes universitárias citadas neste artigo, por serem a maioria do sexo feminino. Seus nomes verdadeiros foram alterados, de forma a manter o anonimato. Da mesma forma, na maioria das vezes, refiro-me à professora-orientadora, pela característica autoral deste texto, exceto em citações de autora/es.

gerando um quadro de escolas fechadas, alunos em casa, professores no ensino remoto. A universidade também se retraiu, e aguardou a retomada das atividades escolares para que possa desenvolver os estágios supervisionados. No primeiro semestre de 2021 os estágios no Curso de Artes Visuais – Licenciatura foram retomados (relativos ao segundo semestre de 2020), porém de forma remota, assim como já ocorriam as atividades nas escolas desde o segundo semestre de 2020.

Vale acentuar que as práticas educacionais na pandemia são denominadas, em diferentes países como: Ensino à Distância, *E-learning*, Educação Online, dentre outras. *Hodges et al.* (2020) definem as múltiplas experiências como Ensino Remoto de Emergência (ERE), ou seja, a utilização de todos os recursos didáticos disponíveis para se obter uma instrução ou aprendizagem por meio da entrega de tarefas e/ou instruções aos alunos e seus responsáveis, de forma totalmente remota, “[...] que, de outra forma, seriam ministradas pessoalmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído” (HODGES *et al.*, 2020, n./p.).

Recursos tecnológicos como arquivos digitais, orientações em redes sociais enviadas pelo professor para o acesso dos estudantes de forma assíncrona, videoaulas gravadas pelos docentes, dentre outras possibilidades, foram largamente utilizados nos contextos escolares. O *smartphone*, outrora proibido, se tornou a principal mídia de interação entre escola, gestão, professores e alunos. Além disso, o envolvimento dos pais e responsáveis pelos alunos na realização das tarefas remotas demandou novas organizações no cotidiano das famílias. Nossa vida ocorreu por meio de

[...] telas, imagens e sons, o isolamento e a dispersão se tornam componentes indissociáveis nos processos de ensino e aprendizagem. O que antes era desafio – a inserção e adaptação às ferramentas e mídias virtuais – agora com o ensino remoto, transformou-se em condição problemática: manter os alunos conectados à sala de aula virtual e/ou às atividades remotas propostas (ZAMPERETTI, 2021, p. 40).

Assim, as proibições ou problemas encontrados nas escolas em função do uso dos *smartphones* tornaram-se realmente obsoletos, visto que as tecnologias digitais foram componentes imprescindíveis às práticas educativas. De outra forma, diver-

sos professores, como os de Artes Visuais vinham se mobilizando na busca pela utilização criativa e produtiva dos *smartphones* nos ambientes escolares pré-pandemia (SANTOS, ZAMPERETTI, 2019; SOUZA, ZAMPERETTI, 2020).

Portanto, os estágios no ensino remoto passaram a ocorrer nas escolas, gerando instabilidades e desafios para os estagiários, ainda em fase de conhecimento da realidade escolar – agora no modelo a distância – provocando a descoberta de novas potencialidades na criação de formas educativas inusitadas. O espaço da escola foi deslocado para os espaços das casas, a vida de alunos e professores foi invadida pelas tecnologias em seus diversos artefatos: microfones, câmeras, *smartphones* e *notebooks*, que competiram pela atenção em meio à vida doméstica.

Nesse sentido, o presente artigo discorre sobre as percepções, desafios e dificuldades das acadêmicas estagiárias, futuras-docentes de Artes Visuais, em relação às práticas educativas remotas desenvolvidas em contextos escolares mediados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). De outra forma, traz ainda as reflexões das estagiárias em relação ao ERE recebido no contexto universitário.

Desafios e [re]visões das práticas de estágio remoto em Artes Visuais

O distanciamento físico, comumente denominado distanciamento social foi a primeira e urgente resposta ao processo viral da COVID-19. Porém, conforme menciona Mansouri (2022) há uma diferença entre os dois termos: “[...] o distanciamento físico não exclui necessariamente a conexão social; por outro lado, o distanciamento social, inevitavelmente, pressupõe a desconexão” (MANSOURI, 2022, n./p.). Então se torna óbvio – para que o distanciamento físico não gere distanciamento social e desconexão interpessoal, condições sociais/materiais/econômicas peculiares devem ser atendidas, como o acesso à internet para a garantia do ensino remoto e de qualidade para todos.

Sabemos que a ONU² reconhece, desde

2 O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos assegura a todos os seres humanos o direito à informação: “Todos os seres humanos têm direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (UNICEF, 2020, n./p.).

2011, que o acesso à internet e informação é um direito humano e deve ser garantido para o exercício da cidadania e inclusão digital/social. Além disso, dados divulgados em 2020 pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – mostram que 45,9 milhões de brasileiros ainda não tinham acesso à internet em 2018. Tal quantitativo corresponde a 25,3% da população com dez anos ou mais de idade. Diante disso é inevitável reconhecer que nos encontramos em situação incipiente quanto ao salvaguardo de tais direitos básicos, seja por falta de conexão com a internet, espaços e condições materiais adequadas ou pela carência de alfabetização tecnológica, letramento digital e/ou formação pedagógica de professores e gestores escolares. Talvez a estagiária Valéria³ tenha percebido as dificuldades apresentadas em seu contexto de ERE, pois menciona em seu relato que:

Meu contato com os alunos foi quase inexistente; ficou restrito a poucas trocas de palavras via Messenger; o que se torna bastante triste e limitante. Me pergunto, quem teria vontade de fazer/participar de uma aula nesses moldes, com uma professora que nem é conhecida? Então, considerei compreensível a baixa adesão as respostas das atividades (VALÉRIA, 2021, n./p.).

O que podemos pensar acerca da informação relatada pela futura docente? Que ocorreu, além do distanciamento físico, a desconexão social e, consequentemente, o distanciamento educacional. Porém, o que é mais conflitivo para a estagiária é não saber, o que estaria provocando a baixa adesão dos alunos às suas aulas síncronas, o que a leva a pensar que seja pela sua situação de professora em formação, que afinal, não “é conhecida” presencialmente por estes alunos. Contudo, ainda que este fato possa ser considerado, é cabível pensar que as condições impeditivas mencionadas anteriormente repercutam na relação entre a estagiária e seus alunos, em especial, no momento pandêmico em que o ensino remoto era a única saída possível para a manutenção do isolamento físico. Valéria entendeu ser extremamente difícil “[...] escolher quais atividades [desenvolveria] com os alunos, visto que muitos não

estavam interessados ou podendo realizar as atividades. Alguns poucos, segundo a professora titular de artes, não tinham acesso a aparelhos eletrônicos, ou internet” (VALÉRIA, 2021, n./p.). Além disso, vale lembrar que o meio mais utilizado por Valéria foi a rede social *Facebook*, pois a sua escola-campo não possuía plataforma educacional, a qual deveria ser ofertada pela mantenedora.

Vera, que estagiou nos anos finais do ensino fundamental, pensa que o seu período de estágio, não foi produtivo

[...] justamente porque não consegui ter uma ideia de como foi o processo de aprendizagem desses alunos e nem ao menos ter um contato com eles pelas aulas síncronas. Mas mesmo ocorrendo esses fatores, vejo o quanto os professores estão tendo que se esforçar para que consigam a atenção dos alunos em suas práticas pedagógicas (VERA, 2021, n./p.).

Porém, é importante ressaltar que os educadores em arte tentaram, de todas as formas realizar as atividades, ainda que com dificuldades inerentes à acessibilidade e às condições sociais de seus alunos. Conforme é possível aferir, no Brasil vivemos uma grande imprevisibilidade em relação à área da educação, que tradicionalmente não se apoia na cultura digital, do trabalho remoto ou da educação à distância, esta última realizada somente na educação superior. É importante também lembrar que a UNESCO (2022) afirma: “Educação remota e virtual só são eficientes para professores, estudantes e famílias com eletricidade adequada, conexão à internet, computadores e *tablets*, e espaço físico para trabalhar” (UNESCO, 2022, n./p.).

Josy, estagiária no ensino fundamental, anos iniciais, afirma que: “[...] sinceramente não sei como opinar em relação ao estágio [...]. É muito difícil, exige da gente uma demanda de tempo e quebra-cabeça em como desenvolver uma aula de artes remota, questões que não aprendemos na universidade” (JOSY, 2021, n./p.). A situação vivenciada por Josy também faz parte da experiência do professor universitário, que vivia, exatamente ao mesmo tempo – os desafios em ministrar aulas síncronas para seus acadêmicos – buscando conduzir processos de ensino e aprendizagem remotas, bastante diferentes daquelas experienciadas anteriormente. A situação parecia ser mais agravante para quem havia realizado o estágio anterior de forma presencial, conforme relata:

3 Os nomes dos acadêmicos estagiários foram modificados, de forma a preservar suas identidades. De outra forma, os mesmos possibilitaram-me a permissão de utilizar seus depoimentos, que foram redigidos e enviados em arquivos de texto por meio do sistema e-aula.

E como eu já tive experiência com o estágio presencial, sei que o modelo remoto não se compara ao presencial, é fundamental a aula presencial. Mas o contexto da pandemia, nos impõem essas circunstâncias. E também entendo que toda a experiência é válida, que acrescenta de alguma maneira (JOSY, 2021, n./p.).

Amora, que estagiou no nono ano de uma escola estadual, afirma que percebeu uma boa resposta dos estudantes

[...] mas a plataforma [Google Classroom] não é a ideal para a disciplina de Artes Visuais, pois não possibilita as discussões necessárias à construção artística e aos processos que dizem respeito a formulação de produções de arte. Além disso, para evitar sobrecarga de conteúdos textuais, as discussões não podem ser ampliadas como normalmente se faria no contexto do ensino presencial (AMORA, 2021, n./p.).

A futura docente Amora chama à atenção que, apesar do *Google Classroom* apresentar possibilidades para o desenvolvimento de aulas remotas, a plataforma simplifica os processos educativos – o que fica mais evidente na área de Artes Visuais – possibilitando apenas o armazenamento de tarefas pontuais, distribuição e avisos de avaliação para os trabalhos enviados pelos alunos, o que torna o contexto bastante sintético, e porque não dizer, extremamente diretivo. A acadêmica considera que: “Embora a plataforma *Google Classroom* seja uma boa ferramenta de complemento estudantil, ela não substitui a possibilidades de interação e diálogo que são realizados em sala de aula” (AMORA, 2021, n./p.).

Porém, ainda assim, a possibilidade de contar com uma plataforma direcionada ao ensino parece ter contribuído, de certa forma, para proporcionar algum nível de interação educativa, visto que nos estágios realizados em escolas municipais, os acadêmicos utilizavam redes sociais, como o *Facebook* e o *Whatsapp* para desenvolverem suas aulas. Assim, a dificuldade parecia ser maior, pois além de não contarem com os encontros síncronos, deveriam produzir materiais para serem divulgados nestas redes, como também imprimi-los, para ofertá-los aos alunos que não tinham acesso à internet. Conforme o relato de Maria, ao mencionar que as escolas

[...] possuem pouco material para impressão de atividades e limitam as folhas por aula... Por exemplo, eu só podia usar uma folha para as atividades impressas, que seriam levadas aos alunos toda semana..., porém penso que uma alternativa a essa questão possa ser a impressão em dois lados da folha e diminuição de quebras de linha e espaçamentos, já que uma grande parte da página é o plano de ensino destinado apenas à descrição e dados da aula – esse espaço poderia ser reduzido também diminuindo as margens das folhas (MARIA, 2021, n./p.).

Além disso, Maria que estagiou nos anos finais do ensino fundamental, menciona que seria “[...] muito importante a gravação das aulas síncronas, para que alunos que não conseguiram estar presentes assistissem depois, ainda mais levando em conta as limitações que o acesso à internet traz – como indisponibilidade de wi-fi ou falta de sinal no 3G” (MARIA, 2021, n./p.). É importante ressaltar que as dificuldades de conexão e acesso à internet prejudicam consideravelmente a ação docente em Artes Visuais, impossibilitando aos alunos a pesquisa em sites, por exemplo – ou por serem muito jovens, ou por seus pais não terem conhecimento aos meios de busca, ou pela conexão ser ineficiente – assim, os passeios virtuais por museus e galerias de arte ou uma simples busca por imagens se tornam distantes da maioria dos alunos.

A acadêmica Amora considera importante a utilização de “ferramentas digitais, vídeos e imagens que complementem os conteúdos de aula” (AMORA, 2021, n./p.), porém, mesmo estas ações se tornaram difíceis no ensino remoto em função da “[...] pouca disponibilidade de tempo que se dispõe para disciplina de Artes Visuais na escola. Assim, acredito que no futuro essas plataformas poderiam ser pensadas como forma de complementar os conteúdos de aula, mas não como ambiente educacional” (AMORA, 2021, n./p.). É importante considerar a afirmação final de Amora, pois ainda que ela não veja o ensino remoto como um ambiente propício ao desenvolvimento de atividades de ensino e aprendizagem, ela entende que estes meios tecnológicos serão utilizados, de alguma forma, visto que as escolas e seus espaços físicos necessitam se modificar, conforme aponta Serres:

[...] temos jovens aos quais pretendemos ensinar, em estruturas que datam de uma

época que eles já não reconhecem mais: prédios, pátios de recreio, salas de aula, auditórios universitários, campus, bibliotecas, laboratórios, os próprios saberes... Estruturas que datam, dizia eu, de uma época e adaptadas a um tempo em que os seres humanos e o mundo eram algo que não o são mais (SERRES, 2015, p. 24).

Embora Serres não contemple em sua fala a questão do ensino remoto, é importante observar que “nada é novo, mas tudo mudou” (NÓVOA; ALVIM, 2022) com a pandemia – as condições e situações vivenciadas pelos professores e agora, também vividas pelos estagiários se mantêm em sua precariedade e estruturas que não dão conta das transformações sociais, econômicas e culturais do nosso tempo – mas “tudo mudou”, pois a situação se mostrou dramática em função das modificações nas formas de ensinar e aprender, mediadas remotamente por *smartphones* e *notebooks*. “A escola precisa da coragem da metamorfose, de transformar a sua forma” (NÓVOA, 2022, p. 15).

As estagiárias – o que pensam e avaliam sobre sua formação inicial [remota]

Tornar-se uma professora – a meta a ser alcançada pelas acadêmicas em processo de estágio – as torna suscetíveis aos questionamentos sobre as dimensões pessoais e coletivas do professorado, pois não “[...] é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores” (NÓVOA, 2022, p. 62). Aqui se pensa na complexidade do “ser professor”, que vai além das questões práticas ou a preparação profissional do conhecimento a ser aplicado em sala de aula, mas de compreender as múltiplas dimensões envolvidas neste processo, culturais, políticas, ideológicas, experienciais, dentre outras, que transformam e afetam diretamente seus fazeres pedagógicos. Além disso, a vivência com o ensino remoto trouxe novas questões e preocupações, conforme acentua Vera (2021), ao mencionar que: “me fez refletir o quão problemático, e como pode afetar em uma questão social, essa nova modalidade de ensino emergencial” (VERA, 2021, n./p.).

Porém, apesar das circunstâncias expostas pelo ERE, acentua-se a importância de que a escola necessita passar por uma transformação da sua forma física e organizacional, na qual sua metamorfose

[...] implica a criação de um novo ambiente educativo (uma diversidade de espaços,

práticas de cooperação e de trabalho em comum, relações próximas entre o estudo, a pesquisa e o conhecimento), também a mudança na formação de professores implica a criação de um novo ambiente para a formação profissional docente (NÓVOA, 2022, p. 62).

Assim, naquele momento vivenciado pelas estagiárias, além dos enfrentamentos promovidos pelo ERE, outras situações já conhecidas foram agravadas, como a dificuldade de interação entre professores e alunos, conforme ressalta Aline, que trabalhou com uma turma de alunos surdos:

Essa experiência com o ensino remoto foi muito desafiadora. Se numa sala de aula já temos dificuldades de ter a atenção dos alunos, quem dirá com eles atrás de aparelhos eletrônicos, cada um na sua casa... Senti falta e necessidade da presença dos ausentes; poderia ter aprendido muito mais se estivessem [online]. Mas está sendo uma situação comum entre todos os professores, então me basta absorver o máximo dos alunos e recursos que estão a minha disposição (ALINE, 2021, n./p.).

A relação que se estabelece, na formação inicial, entre os estudantes das licenciaturas e seus professores, em especial, o orientador de estágio, é muito importante para a inserção dos futuros professores em sua profissão e local de trabalho. É importante lembrar que, naquele momento pandêmico, vivíamos situações semelhantes, na posição de professores e alunos, em diferentes níveis – o orientador de estágio que auxilia seus alunos no planejamento e organização de suas aulas, o aluno estagiário que necessita desenvolver suas atividades na escola, os alunos das escolas que recebem o resultado deste esforço conjunto; todos em modo de ERE – o que interferia diretamente nas apreensões e aprendizagens coletivas.

Minha atuação como professora não foi das melhores pois me senti muito distante, mas procurei estar presente na plataforma, mandando recados e lembretes, e sempre me deixando a disposição para as dúvidas. Fiz o que estava ao meu alcance e confesso que não consegui ter motivação para realizar aulas mais criativas. Me coloquei muito no lugar do aluno para planejar as aulas, e não queria que fosse algo maçante, mesmo sendo jovens, mas sei bem que é uma fase

complicada de lidar, então por isso que meu desempenho não chegou nem perto do que eu esperava (ADRIANE, 2021, n./p.).

Porém, sabemos que a formação docente nunca acaba, é um processo que se desenvolve ao longo da vida, e sem dúvida, apenas se inicia (formalmente) no estágio. O processo vivenciado em modo de ERE foi, de certa forma, obrigatório pois era a única saída possível para a manutenção do isolamento físico protetivo à COVID-19. Por isso, vimos que os educadores em arte mantiveram suas atividades, ainda que com dificuldades intrínsecas à acessibilidade e às condições sociais de seus alunos, o que pode ter gerado desmotivação em relação ao planejamento das aulas, mas também um bom grau de empatia ao se colocar no lugar do aluno que receberia os conteúdos, como acentuou Adriane no relato acima.

Outras questões surgiram em meio ao processo do ensino remoto como por exemplo, acadêmicos que necessitaram trabalhar, e que no horário das aulas síncronas universitárias não podiam acompanhá-las, tornando a participação nas aulas inefetiva, conforme sustenta Maria ao afirmar que:

Embora minha participação na disciplina de estágio tenha sido limitada, consegui desenvolvê-lo bem, explorando materiais, técnicas e estilos, bem como acompanhar os alunos durante a realização de suas tarefas, dando dicas e orientações que pudessem lhes ser úteis. Utilizei referências aprendidas em aulas, mas também referências que encontrei em minhas pesquisas, conseguindo associar a teoria com a prática de modo positivo (MARIA, 2021, n./p.).

Conforme acentuou a UNESCO (2022) em suas observações sobre a eficiência da educação remota e virtual – somente professores, estudantes e famílias com eletricidade adequada, conexão à internet, computadores e *tablets*, e espaço físico próprio para trabalhar – podem participar efetivamente do processo de ensino e aprendizagem. Também poderíamos acrescentar nesta reflexão, a garantia da manutenção da educação para os estudantes, pois muitos se viram em grave situação econômica, o que os obrigou a trabalharem. Além disso, a afirmação da UNESCO atinge largo contingente de pessoas, e mesmo na universidade tivemos problemas relativos aos espaços e condições para que o ERE se efetivasse, o que pode ter levado Amora

(2021) a entender que: “[...] compreendo a necessidade desta forma de ensino, de forma extraordinária, considerando o quadro de pandemia, entretanto acredito que não seja uma abordagem pedagógica que deva ser mantida após este período” (AMORA, 2021, n./p.).

Portanto, a relação da professora-orientadora de estágio com suas alunas foi fundamental para que o estágio em modo ERE ocorresse, pois segundo Josy:

A professora [orientadora] se manteve sempre todo momento à disposição caso precisássemos de ajuda. Por exemplo, quando a equipe diretiva da escola me enviou uma mensagem perguntando se tinha condições de eu dar as aulas do estágio presencialmente. Mandeí e-mail para a professora, em seguida ela já me retornou me guiando sobre as alternativas de respostas. O que me amparou muito (JOSY, 2021, n./p.).

Outro ponto positivo ressaltado por Josy, em relação aos aportes apresentados pela professora-orientadora, foi o *drive* da disciplina, no qual foram postados materiais didáticos, vídeos e links de referência para as aulas: “Falando em amparo, uma das minhas referências na elaboração do estágio foi o material de Arte Negra na Escola ⁴ desenvolvido pela UFRGS, que estava disponível no *drive* da disciplina”. Outras, como Valéria, apesar de valorizarem o empenho da professora-orientadora, entendeu que nem sempre os esforços em prol de um ensino remoto efetivo surtiram efeito:

Agradeço muito a colaboração da professora [de estágio] que sempre calma e atenta consegue perceber os esforços dos alunos e busca incentivá-los sempre. Suas sugestões foram acatadas, mas não surtiram muito efeito responsivo. Talvez eu não tenha sabido colocar as alterações em prática, ou o próprio modo de dar aulas remotamente, já seja fracassado (VALÉRIA, 2021, n./p.).

Também foi possível avaliar as duas propostas, ensino presencial e remoto, pois todas as alunas já haviam tido experiência presencial na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Artes

4 A aluna refere-se ao material: ARTE NEGRA NA ESCOLA. Porto Alegre, v. 1, n. 1, junho 2018. Pró-Reitoria de Extensão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Visuais I. Amora, apesar de reconhecer que “[...] tenha havido alguns impasses com relação a formulação dos conteúdos” (AMORA, 2021, n./p.), acredita que sua atuação tenha sido de grande valia para a sua formação profissional, pois “[...] entendo hoje, as necessidades, dificuldades e algumas vantagens do ensino remoto” (Ibid., 2021). Para Valéria, não foi possível comparar as duas experiências, pois segundo ela: “[...] não senti que foi um estágio a altura de um estágio presencial. Futuramente e em breve, espero ter outras experiências mais oportunas no modo presencial” (VALÉRIA, 2021, n./p.).

Aline, que teve uma experiência diversa das demais colegas, afirma que: “Concluo meu estágio feliz por ter conseguido trabalhar com alunos surdos, que era meu maior anseio, e muito feliz pela participação desses alunos que desde o início foram muito receptivos e pacientes para comigo” (ALINE, 2021, n./p.).

Além disso, as aulas síncronas de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais II foram consideradas relevantes para Aline (2021), “[...] bem como todo o aporte teórico e experiências que a professora [orientadora] traz, com todas suas sugestões, dicas e conselhos, [além das] discussões que surgem entre a turma e a professora; aprendemos bastante. Também, para Vera, houve convergência na apreensão das aulas síncronas no ERE universitário:

Em relação as aulas da disciplina de estágio, gostei bastante da forma que ela foi organizada. Por exemplo, as primeiras aulas, por terem ocorrido de forma síncrona nos ajudou a conversarmos sobre as escolas disponíveis e a nos situarmos sobre a documentação exigida (VERA, 2021, n./p.).

Porém, para Amora, a experiência no Estágio I, com aulas no espaço acadêmico de forma presencial foi mais relevante, pois acredita que

[...] o ensino a distância não possibilitou a construção de diálogos construtivos com a professora e nem mesmo com os colegas. Com relação as orientações e sugestões da professora de estágio só posso dizer que foram satisfatórias e, que, nos ajudaram a resolver alguns problemas encontrados na formulação de nossas aulas. Acredito que assim como os alunos ela também sinta falta das construções que são feitas por meio do ensino presencial (AMORA, 2021, n./p.).

A situação apontada por Amora vai ao encontro das ideias trazidas por Nóvoa e Alvim, ao considerarem que seria desolador

[...] e trágico para os educadores perpetuarem essas práticas ao longo do tempo, pois a educação requer relações humanas e interação e não pode ser totalmente realizada isoladamente e com “distanciamento social”. O apelo a uma “personalização” da aprendizagem em espaços “domésticos”, através da utilização de uma coleção de meios digitais leva à desintegração da escola (NÓVOA; ALVIM, 2020, p. 3, tradução nossa).

Assim, como professora-orientadora de estágio, vejo a situação contraditória vivenciada por nós, em modo ERE, na universidade e na escola, na qual, a ambivalência dos processos de ensino e de avaliação produzem luzes e, por vezes, opacidades, talvez as últimas mais contundentes – desta forma, não percebemos [ou não queremos assumir] o quanto excludente foi o processo remoto, ainda que necessário ao momento – apesar dos esforços conjuntos em direção às melhores e possíveis práticas pedagógicas em Artes Visuais.

Breves percepções conclusivas acerca do estágio no ERE

Concluí, a partir dos depoimentos e dos aportes teóricos elencados, que a experiência do estágio no ensino remoto emergencial (ERE) foi uma possibilidade rara e inusitada de problematização das vivências, trocas e construção de uma identidade docente, que se transformou frente aos desafios do momento pandêmico. Porém, é necessário mencionar que a resposta educacional à crise pandêmica por parte das instituições governamentais revelou paroxismos e tensões em busca de emersão de processos educativos a serem compreendidos e refletidos em curso – os quais, gestados pelos professores e equipes escolares – promoveram a organização e planejamento das práticas pedagógicas remotas, de forma rápida e audaciosa, dentro das possibilidades encontradas (ZAMPERETTI, 2021).

Tal situação fora apontada por Nóvoa e Alvim (2020) ao compreenderem que a garantia da autonomia do professor para responder às necessidades inerentes ao seu ofício de ensinar foi uma das lições aprendidas em resposta à pandemia, visto que a resposta dos sistemas institucionais educativos foi débil e inconsistente. Na maioria dos casos, as gestões institucionais (estados e municípios, os

últimos em menor número) dependeram de plataformas e conteúdos comercializados por empresas privadas e ainda assim, a garantia ao acesso digital a todos os alunos foi precária, para quase não dizer, inexistente. Tais situações atingiram também as alunas-estagiárias, que encontraram uma situação totalmente diferenciada da que haviam conhecido no estágio anterior de forma presencial.

Portanto, concluo que as alunas-estagiárias de Artes Visuais atuaram de forma corajosa frente à proposta do estágio no ERE, pois como grupo, valorizamos saberes que são construídos nas relações que estabelecemos com a comunidade escolar e os educandos, realidade dificultada e/ou impossibilitada pelo distanciamento físico. Ainda que a aproximação social tenha ocorrido por meio das tecnologias digitais – aplicativos e programas como o *Google Meet*, redes sociais como o *Facebook* e o *Whatsapp*, e-mails e a plataforma *Google Classroom* – ocorreram poucas oportunidades de estabelecimento de relações mais profícuas de ensino e aprendizagem, em função da simplificação de processos educativos, conduzidos de forma instrucional e da emergência dos diversos contextos apresentados: falta de acesso e conexão aos meios digitais, dificuldades econômicas, sociais e culturais, carência de alfabetização e letramento tecnológicos, falta de estruturas físicas diversas, situações que atingiram alunos e professores das escolas, como também, em alguns casos, os alunos universitários.

Ressalto a necessidade urgente de maior atenção a este campo de conhecimento na formação de professores, de forma a propiciar uma inserção efetiva dos futuros professores nas escolas, motivando seus alunos ao conhecimento frente às diversas realidades. Assim, será possível uma transformação nas concepções de ensino e aprendizagem, onde todos aprendem juntos, construindo coletivamente espaços culturais e inclusivos. Trago aqui uma consideração de Aline (2021), ao afirmar que mesmo com “[...] o curto tempo e com as condições que nos deparamos, consegui me desenvolver, perceber e aprender pontos importantíssimos sobre uma educação inclusiva e acessível, que terão grande peso em meu projeto de pesquisa” (ALINE, 2021, n.p.).

De outra forma, entendo que as práticas de estágio em ERE, pelo seu ineditismo, conduziram as alunas à atenta observação e investigação de outras realidades escolares, promovendo a aprendizagem e construção profissional em meio a conflitos e desafios, pois não existiam respostas antes

de surgirem os problemas e não as temos ainda. Aguardemos novas reflexões em torno do assunto e promissoras pesquisas ainda em curso, que possam vislumbrar múltiplas formas de ser e conviver em meio às intensas transformações educacionais contemporâneas.

Referências

ESTEBAN, Maria Teresa. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In.: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). Escola, currículo e avaliação. São Paulo: Cortez, p. 13-37, 2003.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 06 jun. 2022.

MANSOURI, Fethi. As implicações socioculturais da COVID-19. In.: UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, 2022. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/implicacoes-socioculturais-da-covid-19>. Acesso em: 29 abr. 2022.

NÓVOA, António. Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar. Colaboração: Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022. Disponível em: <https://eduprofs.blogspot.com/2022/02/escolas-e-professores-proteger.html> Acesso em: 10 jun. 2022.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara. Nothing is new, but everything has changed: A viewpoint on the future school. Prospects. v. 49, p. 5-41, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11125-020-09487-w>. Acesso em: 10 mar. 2022.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In.: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino: uma modalidade de pesquisa-ação. In.: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (Orgs.). Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, p. 33-44, 2010.

SANTOS, Isabel Cristina; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Tecnologias digitais e Artes Visuais: o desenho virtual com o aplicativo Strava. In.: João Batista Bottentuit Junior. (Org.). E-Book do I Simpósio Internacional de Tecnologias Digitais na Educação/ IV Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Luís - MA: EDUFMA, p. 1345-1358, 2019.

ble sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

SERRES, Michel. Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, Fabiana L. de; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Smartphones e Artes Visuais – notas sobre novas tecnologias no ensino da perspectiva forçada. Movendo Ideias (UNAMA), v. 25, p. 1-9, 2020.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, 2022. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/implicacoes-socioculturais-da-covid-19> Acesso em: 09 mar. 2022.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em: 05 jul. 2022.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Artes visuais e ensino remoto: paroxismo nas interações em tempos de pandemia. Palíndromo (ONLINE), v. 13, p. 37-53, 2021.

Recebido: 09/06/2022

Aceito: 06/07/2022

Aprovado para publicação: 05/08/2022.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponi-